

Decretado feriado bancário por três dias

103

Marizete Mundim

O maior feriado bancário já decretado no País nos últimos dez anos, anunciado ontem pelo Banco Central, antecipou em um dia o início, de fato, do Governo Collor de Mello. De hoje até sexta, os bancos permanecerão fechados e todas as instituições financeiras (bolsas de valores, mesa do open, corretores e distribuidoras) entrarão numa hibernação forçada. Só reabrirão suas portas na segunda-feira quando o País, oficialmente, estiver sendo administrado pelo novo governo.

Neste período, o governo garante a remuneração integral dos depósitos em cadernetas de poupança. A compensação de cheques ficará paralisada e as contas e contratos que vencerem durante o feriado poderão ser quitados na segunda-feira sem multas ou juros. Tudo o mais é uma grande incógnita.

Ontem, no início da noite, logo após a divulgação da portaria do Banco Central, determinando o feriado, a ministra Zélia Cardoso de Mello recebeu a imprensa, no terceiro andar do anexo do Itamaraty — mais conhecido como Bolo de Noiva — não para uma entrevista, mas para uma rápida declaração sobre a medida.

Zélia disse que a medida foi adotada para "preservar a estabilidade do mercado até o anúncio das novas medidas econômicas e proteger a economia popular". A ministra admitiu que, nos últimos dias, foram identificados "movimentos especulativos" que justificaram o entrosamento do atual com o futuro governo e a antecipação do feriado bancário.

Dia de boatos

Os boatos, que costumam fervilhar em Brasília a partir das quintas-feiras, começaram a circular na cidade, inusitadamente, na

tarde de uma pacífica terça-feira. Esquentaram com a inesperada chegada do presidente do Banco Central, Wadico Buchi, que encontrava-se em São Paulo. E tornaram-se frenéticos quando Buchi, minutos depois de entrar no seu gabinete, saiu apressadamente, sem dizer aos repórteres para onde ia.

A entrada do presidente do BC no "Bolo de Noiva" foi quase uma apoteose. Ele limitou-se a dizer que fora chamado ali pela própria Zélia Cardoso de Mello para uma reunião da qual participaria, também, seu sucessor, Ibrahim Eris.

Neste encontro foram feitos os acertos finais para o feriado bancário. Mas os entendimentos do governo que entra com o que sai para a viabilização da medida são bem mais antigos. O primeiro passo nesse sentido foi dado por Zélia Cardoso de Mello que, há mais de um mês, consultou o ministro Mailson da Nóbrega sobre a possibilidade de um acordo neste sentido. Mas o acerto final foi feito no encontro de Collor de Mello e Sarney, no último dia 2. Na ocasião, Collor falou a Sarney de sua intenção de decretar o feriado bancário antes de sua posse. Sarney disse que não haveria problema e pediu-lhe que o avisasse quando a medida deveria ser tomada.

Vazamento

Na segunda-feira passada, Zélia Cardoso de Mello telefonou para Mailson da Nóbrega. Contou-lhe que sua equipe havia detectado em meios empresariais de São Paulo o vazamento de medidas ainda não divulgadas pela imprensa e disse estar preocupada com a crescente especulação que poderia decorrer deste fato. Pediu, então que encaminhasse a decretação do feriado bancário a partir de hoje. Collor de Mello, por sua vez, comunicou a Sarney que o dia D seria hoje, dando o sinal verde para que o presi-

dente detonasse o processo. Realmente, ao meio-dia, Sarney convocou Mailson ao Palácio do Planalto e a operação começou a ser executada.

A preparação do choque econômico de Collor de Mello, difere daquela que antecedeu todos os demais pacotes de reforma da economia. O pioneiro Cruzado I, decretado em fevereiro de 1987, foi seguido de um feriado bancário de apenas 24 horas. Seus sucessores (Cruzado II, Plano Bresser e Plano Verão) não precisaram de um fechamento dos bancos superior a 48 horas.

A hibernação da economia nacional durante 5 dias (incluído o fim de semana) alimentou boatos de que o "pacotão" será muito mais abrangente do que a imprensa conseguiu antecipar. Falava-se

ontem de uma taxação de 50% dos títulos ao portador; da penalização, em 15%, nas operações do over e até em congelamento. O anúncio oficial das medidas, entretanto, só será feito na manhã desta sexta-feira. Até lá, haja coração.

Sem confisco

Aqueles que têm dinheiro aplicado no over e foram surpreendidos pelo feriado bancário têm apenas um consolo: questionada se haveria alguma espécie de confisco nessas aplicações, Zélia Cardoso de Mello garantiu: "Meu dinheiro continua aplicado no over" e respondeu com um sonoro "não" à pergunta se haveria confisco no mercado financeiro. A ministra negou que os movimentos especulativos promovam uma corrida ao dólar. Segundo ela, esta hipótese não existe.



Zélia detectou vazamento de medidas do choque e reagiu rápido